



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

São Paulo, 1 de outubro de 1961.

Na inauguração da VI Bienal de São Paulo.

Declaro inaugurada a VI Bienal de São Paulo. Abre-se esta exposição de artes plásticas, que há dez anos vem projetando o Brasil na dimensão artística universal, em pleno clima de liberdade. A democracia traduz as formas mais belas da convivência humana, de que a arte é uma superior expressão. Ambas exigem, para florescer, o mesmo clima de liberdade. E para serem autênticas, não se podem desvincular da sua raiz comum: a vida do povo. É na fonte popular que uma e outra — a democracia e a arte — buscam a sua permanente seiva vital e renovadora.

Os políticos, assim como os artistas, quando lutam para preservar as conquistas democráticas e incorporar novos processos à vida social, estão sempre expressando os anseios que o povo, na sua inesgotável capacidade criadora, manifesta através dos seus sonhos e da sua vida. Devemos ser, portanto, políticos e artistas, intérpretes das emoções e das idéias que nascem e vivificam na comunidade.

A Bienal de São Paulo é o resultado da iniciativa particular, liderada por Francisco Matarazzo Sobrinho, que foi sensível à necessidade de dotar o País de um instrumento que o projetasse no cenário internacional das artes. Exercendo essa função em toda a sua plenitude, a Bienal de São Paulo oferece, ainda, com artistas nacionais, a possibilidade de um contato permanente e renovado com as experiências estéticas e com as manifestações artísticas de outros povos. É evidente que êsse confronto de experiências e de resultados proporcionam, aos artistas e ao povo, critério mais apurado para a compreensão e o intercâmbio dos valores culturais do passado e da atualidade.

O poder público não tem sido insensível ao esforço empreendido pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo: antes prestigiou-o e continua a prestigiá-lo de várias formas, como é do seu dever.

Nesta VI Bienal tomam parte 51 países. Eleva-se a centenas o número de expositores, dos quais 147 são brasileiros. A presença das artes gráficas, nesta exposição, sugere, de modo especial, a importância do problema do livro, básico para a Nação, pois é o instrumento indispensável da cultura e de sua difusão.

A VI Bienal espelha uma posição cultural de extrema importância para a crítica e o desenvolvimento das artes plásticas. O seu florescimento em São Paulo significa, por outro lado, a existência, neste Estado, de condições materiais e culturais capazes de sustentar, pelos padrões que já atingiu, realização de tal magnitude.

São Paulo, das fábricas, dos arranha-céus, do café, das iniciativas pioneiras em todos os campos da atividade humana, cristaliza-se, através do Museu de Arte de São Paulo, do Museu de Arte Moderna e da Bienal, em centro artístico e cultural de elevada expressão, demonstrando a sua pujança e contribuindo para fixar as características da fisionomia nacional, na inquietação universal da hora presente.

Congratulo-me com o Museu de Arte Moderna de São Paulo, com os seus ilustres diretores e com o povo paulista e brasileiro, pelo acontecimento tão significativo desta inauguração, que tenho a honra de presidir.